

# VOCABULÁRIO E COMPETÊNCIA EXPRESSIONAL À LUZ DA ICONICIDADE: UMA NOVA TECNOLOGIA

Vocabulary and Expressive Competence according to iconicity: a new technology

Darcilia Simões (UERJ)

Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC)

## RESUMO

Aborda-se neste artigo a relação direta entre domínio vocabular e competência para a expressão verbal. Inicia-se com constatações acerca da situação do ensino de língua no Brasil. Em seguida, apresentam-se os fundamentos teóricos que, partindo da noção de competência, passa-se pela noção de *script* e parte para o cruzamento entre a Teoria da Iconicidade Verbal, a Teoria dos Espaços Mentais e a Pragmática. Traz-se à cena a faculdade humana da simbolização e a noção de léxico. Com esse diálogo teórico, busca-se discutir o domínio e o uso do léxico como demonstradores da competência expressional dos sujeitos.

Palavras-chave: Vocabulário individual. Competência expressional. Estratégias semióticas.

## ABSTRACT

In this article, the direct relationship between word knowledge and competence to verbal expression will be discussed. It begins with observations about the situation of language teaching in Brazil. Then, we present the theoretical foundations which, starting from the notion of competence, passing through the concept of *script* and moving on to the intersection between the Theory of Verbal iconicity, the Theory of Mental Spaces and

Pragmatics. The human ability of symbolization and the notion of lexicon are brought onto stage. With this theoretical dialogue, we seek to discuss the domain and use of the lexicon as demonstrators of the expressional competence of the subjects.

Keywords: Individual vocabulary. Expressional competence. Semiotic strategies

## SITUANDO O PROBLEMA

A introdução de obra de Aragão (1989) sobre a obra de José Lins do Rêgo fala de críticas sofridas pelo ensino e a aprendizagem da língua portuguesa no Brasil. A autora declara a existência de críticas severas sobre a “decadência” [aspas da autora] a que o ensino chegou. Observe-se que o texto em foco é de 1989. No entanto, seu parágrafo inicial representa o que é constante nos artigos que focalizam hodiernamente a questão do ensino e da aprendizagem do vernáculo.

Crê-se possível uma reflexão sobre esse grave quadro. Vinte anos se passaram entre a publicação do texto de Aragão e a escrita do presente artigo, e a situação da língua portuguesa na escola continua a mesma (se não pior!).

O que teria acontecido? Será que a evolução da ciência e dos meios de comunicação (em especial, da tecnologia da informação – TI) não vem favorecendo a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem da língua nacional? Em caso positivo, o que estaria sendo óbice na produção de uma prática de ensino proficiente? Estaria havendo algum descompasso entre a formação docente e as exigências de sua prática? Estaria o currículo da licenciatura em Letras afastado da realidade social do aluno e da escola?

Essas são apenas algumas das indagações que emergem nas discussões acerca das aulas de português e sua produtividade. Por que em vinte anos não se conseguiu minimizar a “decadência” do ensino de língua portuguesa apontado por Aragão em 1989?

## A CIÊNCIA LINGUÍSTICA E O RECURSO TECNOLÓGICO

É indiscutível o avanço da ciência linguística e do desdobramento de suas subáreas de pesquisa. A linguística, a semiótica e a pragmática vêm produzindo e re-produzindo teorias e métodos que parecem poder auxiliar a prática didático-pedagógica de língua portuguesa, minimizando-lhe os problemas. Contudo, estes não decorrem exclusivamente das ciências e técnicas, senão de um cenário sócio-político-cultural que manda à escola um imenso contingente de sujeitos emoldurados por severas desigualdades. Estes manifestam sua diferença nas classes e aquela se transforma em problema técnico-pedagógico grave, uma vez que os docentes, em número significativo, não foram apetrechados com cabedal teórico-prático para a produção de aulas que atendessem a diversidade de sujeitos sem constrangê-los ou ignorá-los.

O constrangimento surge de certa incomunicabilidade constatada durante as conversas em classe: o professor de hoje – apesar de não mais se expressar na língua culta como antes – mostra-se quase sempre tão deficitário linguisticamente quanto o aluno; e a reação à dificuldade de comunicação didática é o desentendimento, a indisciplina e que tais.

O ato de ignorar a diversidade linguístico cultural do alunado tem as mesmas raízes já declaradas, todavia, acaba por gerar um pacto silencioso que resulta na aprovação em massa, a despeito do despreparo da maioria para o uso da variedade padrão da língua, que é a exigida nas práticas sociais que “diplomam” os sujeitos como cidadãos de direito e de fato.

É necessário repetir trecho importante da fala de Aragão no texto em referência, dada a atualidade do mesmo:

Para se entender uma língua, é necessário se conhecer o povo que a fala: seus costumes, crenças, tradições, suas histórias de vida enfim. Um estudo de língua feito sem apoio nessa realidade não poderá atingir seus objetivos, por ser artificial, imposto e conseqüentemente, ineficaz. (ARAGÃO, 1989, p. 19)

Esse excerto reflete uma perspectiva historicamente construída e cientificamente comprovada acerca de que ensino se precisa para atingir a eficiência verbal esperada como consequência da escolarização. No entanto, a despeito de toda a ciência e tecnologia produzidas, a prática de ensinagem da língua portuguesa (salvo exceções) continua inoperante, desorientada.

## LINGUÍSTICA E TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO (TI): A AUTOMAÇÃO DE DADOS

A utilização de programas de computador para análise e descrição linguísticas não se deu de modo tão simples. Originalmente, desconfiava-se da possibilidade de submeter um objeto complexo e mutante como o sistema linguístico e seu uso ao processamento de dados.

As grandes invenções — pólvora, papel, imprensa, tipos móveis, telefone etc. — desestabilizaram as sociedades com a mesma forma que a viagem à lua (“No dia 20 de julho de 1969, há exatamente 40 anos, o homem pisou na Lua pela primeira vez – foi o astronauta

Neil Armstrong<sup>1</sup>) e a invenção do computador<sup>2</sup>. Assim sendo não fogem à regra os espantos ou as resistências iniciais quando do surgimento da Linguística Computacional e o Processamento de Línguas Naturais.

Segundo Carlos Ceia, Linguística Computacional é termo português para *Computational Linguistics*, área que é vista como um domínio científico convergente entre a Linguística, a Ciência da Informação, a Psicologia, a Filosofia e a Informática. O surgimento das ciências da computação e a força adquirida pela inteligência artificial alteraram o paradigma das ciências humanas, sobretudo no âmbito das linguagens.

A inteligência artificial expandiu-se tanto no âmbito prático, através do armazenamento e processamento de grandes bases de dados linguísticos que possibilitam trabalho mais analítico e apurado em linguística descritiva, quanto no plano teórico, através da necessária elaboração de modelos teóricos sofisticados que permitissem, da forma mais eficaz e real possível, discutir e descrever os processos cognitivos e linguísticos (aprender, conhecer e memorizar) que ocorrem na mente humana. A despeito disso, há avanços significativos que propõem uma variada tipologia de aplicações.

No âmbito do Processamento da Linguagem Natural (PLN), tem-se a construção de interpretadores, analisadores ou geradores gramaticais necessários, tais como os programas de tradução automática. Há, ainda, o plano da elaboração de bases de dados lexicais (léxico geral e especializado), as bases de conhecimento lexical (*lexical knowledge base*) e as bases de dados lexicais (*lexical database*). Desse segundo tipo, emergiram os corpora linguísticos que hoje prestam relevante serviço quando se busca um exemplário mais abrangente, da mesma

---

<sup>1</sup> <http://pe360graus.globo.com/noticias/cidades/ciencia/2009/07/20/NWS.494678.4.250.NOTICIAS.766-PRIMEIRA-VIAGEM-LUA-COMPLETOU-ANOS-QUEM-ACREDITE.aspx>

<sup>2</sup> Embora a invenção do computador pessoal date do fim dos anos 70, ele está prestes a completar 60 anos. O primeiro, o Eniac, pesava 30 toneladas, usava cartões perfurados e tinha, entre outras funções, de fazer cálculos de balística para o Exército americano. O desenvolvimento de microprocessadores permitiu a criação de computadores pessoais de mesa e portáteis.

forma que têm permitido a discussão e a classificação de dados que identificam variantes e variáveis linguísticas de grande relevância para a pesquisa e para o ensino.

Os pesquisadores que atuam na Linguística Computacional intentam desenvolver, por meio de uma matriz lógico-formal de línguas naturais, sistemas com capacidade de reconhecer e produzir informação apresentada em linguagem natural. Portanto, hoje já contamos com contribuições prestimosas no âmbito da Linguística Computacional.

## OUTRAS TECNOLOGIAS

Mas o avanço tecnológico não se restringe à evolução da tecnologia da informação – TI. Nos tradicionais ambientes de sala de aula, anteriores à era cibernética, muitos docentes pesquisadores já experimentavam a construção de novas metodologias. Nossos estudos e pesquisas há muito já vêm delineando trajetória diferenciada, uma vez que a exploração de técnicas em que a linguagem verbal se associasse às não-verbais teve início nos anos 80 do século passado. E foi justamente a partir das experiências realizadas com a combinação de semióticas distintas (a verbal e a não-verbal) que conseguimos, pouco a pouco, ir tecendo a Teoria da Iconicidade, que hoje é marco diferencial e orientador de nossos estudos e pesquisas. Entendemos que o cruzamento de teorias científicas resulta em novos processos tecnológicos independentemente da utilização ou não dos recursos de TI.

Assim sendo, já de posse dos mecanismos semióticos da Teoria da Iconicidade, fomos buscar ferramentas na TI para nossa pesquisa, com a intenção não só de ganhar velocidade com a automação dos dados, mas principalmente construir uma ilusão de objetividade mais convincente. Isso porque, em geral, quem opera com ciências não exatas está sempre “no fio da navalha” entre o crédito e a dúvida, uma vez que opera com objeto lábil.

Nosso primeiro estágio pós-doutoral (PUC-SP, 2006-2007), foi o momento em que nos defrontamos com dificuldades no levantamento e na catalogação dos dados do corpus e acabamos capturados por uma das ferramentas da Linguística de Corpus: o WordSmith Tools 4.0. Hoje, já estamos ousando propor a condução de projetos que orientamos segundo a trilha da linguística informatizada.

Cumprido, no entanto, esclarecer que a inovação não rejeita o preexistente, senão soma-se a ele para aperfeiçoar os processos. É isso que vimos tentando fazer no desenrolar de nossas pesquisas.

Há mais ou menos 21 anos (a referência é o início de nosso curso de doutorado), passou-se a contar com as instruções semióticas como objeto de investigação. Constatou-se a eficiência da imagem visual na aprendizagem da escrita (SIMÕES [1994<sup>3</sup>, 2003, 2006], 2009), partiu-se para experimentar a categoria da iconicidade na aquisição do léxico. Realizou-se pesquisa (2002-2006) em que se confrontou a ocorrência vocabular de textos técnicos consagrados (textos-fonte) lidos em classe, com a ocorrência vocabular dos textos produzidos pelos discentes leitores (textos-corpus). Concluiu-se da influência positiva do vocabulário dos textos-fonte projetado nos textos-corpus: a iconicidade entendida como *força ou qualidade plástica do signo deflagradora da cognição e subsequente produção de interpretantes para os signos lidos* foi demonstrada no levantamento do vocabulário dos textos em confronto, com auxílio da ferramenta digital WordSmithTools 4.0.

Atualmente já se pode contar com eficientes processadores de texto que fornecem respostas de vários tipos, segundo os interesses da pesquisa. A partir da pesquisa com a informatização de dados, foi reforçada a hipótese do potencial icônico do signo verbal (apesar de sua arbitrariedade original), uma vez que este passa a representar modelos socioculturais, a

---

<sup>3</sup> SIMÕES, Darcilia. *O livro-sem-legenda e a redação*. Tese de Doutorado orientada por Maria Helena Duarte Marques. UFRJ, 1994. / \_\_\_\_\_. *Semiótica & ensino: reflexões teórico-metodológicas*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2003 [200p.]/ \_\_\_\_\_. *Semiótica & Ensino*. Edição em CD. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

partir dos quais os sujeitos traduzem suas ideias acerca de dois mundos: o interior e o envolvente.

Vale ressaltar que nosso trabalho não propõe o trabalho computacional em sala de aula, senão a preparação docente para um melhor entendimento dos mecanismos linguísticos e de sua realização nas práticas interacionais.

## O APORTE TEÓRICO

Retomando a noção chomskiana de *competência linguística*<sup>4</sup>, o *conhecimento que o falante tem da língua* (cf. Fonseca & Fonseca, 1990, p. 53), vale salientar que *sujeito e objeto* desse saber devem estar bem claros para o docente quando de sua prática efetiva: *sujeito idealizado e falante/ouvinte* como *papéis interlocutórios* precisam ser considerados durante a avaliação do desempenho dos sujeitos. Assim, nas pesquisas aqui referenciadas vêm sendo observadas as relações entre competência e desempenho, tendo em conta a variação linguística original dos sujeitos.

A competência linguística possui duas características fundamentais a serem consideradas, seja como uma capacidade mental, seja como um conhecimento sistemático. Fora os componentes mentalistas da ótica gerativa, cumpre perceber que as capacidades animais – independentemente de sua natureza – podem e devem ser desenvolvidas. No âmbito humano, a competência para a expressão verbal demanda o treinamento sistemático de uso do sistema verbal, para que o desempenho expressional seja aperfeiçoado. Diferentemente das investigações chomskianas que tratam de questões da língua (evocando terminologia saussuriana), as pesquisas a que se refere este artigo debruçam-se sobre eventos

---

<sup>4</sup> Na ótica de Chomsky, competência linguística é a capacidade que o falante tem de, a partir de um número finito de regras, produzir um número infinito de frases.

comunicativos materializados em textos escritos, portanto, ocupam-se de fenômenos da fala, ou do desempenho (segundo Chomsky, 1980).

Tem-se buscado a relação do signo atualizado na superfície textual com potenciais imagens criadas na mente do intérprete para a produção de significado para o texto lido ou redigido. Aprecia-se, pela observação das estruturas frasais, que o signo participa da qualidade (ou potencial icônico) que lhe é predominante, a partir da qual são engendradas as semioses. Para tal, recorre-se à teoria dos espaços mentais (representações mentais de eventos) de Fauconnier (1997), por acreditar-se que o princípio nuclear da cognição humana corresponde à projeção entre domínios que, por sua vez, consistem nas bases de conhecimento requeridas pelos processos de significação (ou processos semióticos).

Os *domínios* se desdobram em *estáveis* – estruturas de memória pessoal ou social, ou scripts (VAN DIJK & KINTSCH, 1983) – e *locais*, que promovem o processamento cognitivo e respondem pelo fluxo discursivo na memória de curto prazo. São domínios estáveis, noções sobre jogos, viagens, solenidades etc. Salomão (1999) propõe uma subcategorização desses domínios, dividindo-os em *modelos cognitivos idealizados* – *MCI* (que organizam nosso conhecimento), *molduras comunicativas* – *MC* (que identificam a natureza da interação) e *esquemas genéricos* – *EG* (que são conceitos configurados de forma mais abstrata).

Os *domínios locais* advêm das marcas linguísticas e contextuais, enquanto pensamos e falamos, e são denominados *espaços mentais*. Estes “são os domínios que o discurso constrói para prover substrato cognitivo ao raciocínio e à interface com o mundo” (FAUCCONNIER, 1997, p.34). As projeções ou integrações cognitivas são distribuídas segundo seus domínios (locais ou estáveis), dando-lhes relevo especial. Segundo tal perspectiva, o processamento cognitivo implica, obrigatoriamente, projeções multidirecionais assim como intra e interdomínios; essa operação é responsável não só pela integração e dinamicidade de nosso

conhecimento, como ainda pela renovação e criatividade do pensamento e da linguagem. E é com base na construção de significados pela integração de domínios que vimos propondo a aplicação da teoria da iconicidade no entendimento das capacidades projetiva e imaginativa da mente humana.

Nesse enquadre, entende-se que *o texto é uma rede de itens léxicos* que se estruturam segundo as formas e regras disponíveis no sistema linguístico. Nessa rede, os itens léxicos desenvolvem o seguinte percurso: de portadores de qualidades (ícones) passam a indicadores (índices) de itinerário e, por último, para generalizadores (símbolos). No entanto, a expressão verbal cotidiana opera em sentido contrário: atualiza símbolos extraídos dos *esquemas genéricos* do sistema sociocultural envolvente, organizados como *modelos cognitivos idealizados* dos quais tenta extrair ou produzir *molduras comunicativas reaplicáveis*. Assim se tem investigado competência lexical dos sujeitos a partir dos textos por eles produzidos.

## UMA ANÁLISE MULTIDIMENSIONAL

Para substanciar a organização da análise que se propõe, veja-se o que diz Benveniste:

A faculdade simbolizante permite de fato a formação do conceito como distinto do objeto concreto, que não é senão um exemplar dele. Aí está o fundamento da abstração ao mesmo tempo que o princípio da imaginação criadora. Ora, essa capacidade representativa de essência simbólica que está na base das funções conceptuais só aparece no homem. Desperta muito cedo na criança, antes da linguagem, na aurora da sua vida consciente. Mas falta no animal. (BENVENISTE [1966<sup>5</sup>], 1995, pp. 27-8)

---

<sup>5</sup> Ano de publicação da obra na França pela Gallimard.

As palavras do linguista francês servem de corolário para o que foi afirmado na seção anterior sobre a ordem da produção de signos. Ou seja, a constituição de um signo nasce no plano simbólico pela natureza convencional, e a expressão e a compreensão verbal demandam a produção e a interpretação de signos que, apesar de aparentemente iniciarem-se no particular, nascem exatamente no geral, no simbólico. Isto porque o animal humano é progressivamente impregnado pelos valores, pelos conceitos circulantes em seu cenário sociocultural. Assim sendo, a avaliação da iconicidade de um signo demanda a consideração de seu cotexto (enunciado em que figura o signo em observação) e de seu contexto (cenário em que se dá a interação).

A teoria da iconicidade verbal, no nível lexical, onde se analisa o potencial de ativação de imagens mentais, pode articular-se com a teoria dos espaços mentais e com a pragmática (MORRIS, 1938) simultaneamente. Para o estudioso norte-americano, pragmática é o “estudo da relação dos signos com seus intérpretes”. Logo, isso permite uma articulação imediata com a teoria dos espaços mentais (EM) e a teoria da iconicidade verbal (TIV). Nos EM, tem-se que a cognição é mecanismo operativo derivado de influxos nervosos originados do ciclo entre  $MCI \rightarrow MC \rightarrow EG$  e vice-versa. Na TIV, o que deflagra o raciocínio é uma sensação causada por um sinal que ativa uma reação mental que provoca o surgimento de um vetor ou de um conceito. Estes, por sua vez, são produções condicionadas ao cenário que envolve a semiose, portanto demandam o acionamento de conhecimentos prévios e de articulações entre saberes, de modo a subsidiar a imaginação — produção de uma imagem mental — que será materializada num signo (independentemente de sua natureza oral ou escrita).

Busca-se, portanto, no raciocínio pautado na TIV, a compreensão da semiose produção do significado — para que o utente se torne capaz de melhor eleger sua interpretação, da mesma forma o faria com sua expressão. A seleção de signos com maior força icônica seria um garantidor da interpretabilidade do texto. E isso já se fez demonstrar na conclusão da

pesquisa “Projeto de texto e iconicidade: uma reflexão sobre a eficácia comunicativa” (em estágio pós-doutoral supervisionado por Lucia Santaella, PUC-SP, 2006-2007), quando da operação de listagem de palavras (*wordlist*) e da identificação da frequência de ocorrências de estruturas (*concordance*) em que ocorre dado signo, por meio da ferramenta WordSmithTools 4.0 (WST4). Esses expedientes digitais permitem levantar e confrontar os signos mais frequentes em textos fonte e em textos corpus (derivados dos primeiros), mostrando até identidade na seleção e na ordem de aparecimento, quando não substituídos por sinônimos lexicais ou locucionais.

## APLICAÇÕES DA TEORIA DA ICONICIDADE VERBAL

Atualmente, pesquisa-se a iconicidade em contos consagrados. Investigam-se contos de Eça de Queiroz<sup>6</sup> (autor eleito por simples preferência da pesquisadora), nos quais se está produzindo tabelas (ainda com auxílio do WST4), com vista não apenas a identificar frequência e ocorrências de itens léxicos, mas, sobretudo, produzir um levantamento dos temas (ou isotopias) emergentes dos signos ativados nos textos explorados. Pretende-se com isso demonstrar não apenas a força icônica dos itens lexicais apurados, mas também oferecer estratégias de identificação de isotopias possíveis para discussão dos contos em foco.

---

<sup>6</sup> SIMÕES, Darcília. “Iconicidade em Eça de Queiroz: um estudo do léxico”, projeto de pesquisa em estágio pós-doutoral supervisionado por Maria do Socorro Aragão, no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística da UFC.

Vamos ao exemplo de análise.

ITEM LÉXICO	OCORRÊNCIAS	INFORMAÇÃO SUBJACENTE	SIGNIFICAÇÃO	FUNÇÃO SEMIÓTICA	ISOTOPIAS SUGERIDAS PELO TEXTO
1. GENEVRO	25	Corroborar a escolha do título do conto.	O item <b>genebra</b> também designa certo tipo de aguardente, ou gim.	Signo desorientador; <b>índice</b> da crítica à Reforma de Calvino (que se instalou em <b>Genebra</b> ) e que pregava a salvação da alma pelo trabalho justo e honesto...	Ideologia Religião Política Ironia
2. FREI	17	Reiteram a noção da irmandade religiosa entre Genevros e Egídio.	<b>Frei, irmão e Egídio</b> instauram relação sinonímica. <b>Frei</b> – (1) F. proclítica, apocopada, de <i>freire</i> , quando precede o nome ou apelido. [Aurélio, <i>s.u.</i> ]	<b>Ícones</b> da fraternidade religiosa.	Fraternidade Religiosidade
3. IRMÃO	14		<b>Irmão</b> – (3.1) amigo íntimo e dedicado; companheiro inseparável	<b>Ícone</b> da fraternidade.	Fraternidade Religiosidade

		<p>(Derivação: sentido figurado);</p> <p>(4)</p> <p>correligionário, sectário das mesmas doutrinas</p> <p>(Derivação: por extensão de sentido); (5)</p> <p>membro de confraria ou irmandade; confrade</p> <p>(Derivação: por extensão de sentido.</p> <p>[Houaiss, s.u.].</p>		
4. EGÍDIO	13	<p>De origem grega, pertencia a uma rica família da nobreza de Atenas. Depois da morte de seus pais, decidiu ser um ermitão, para viver na pobreza e totalmente dedicado a Deus. Para isso</p>	<p><b>Ícone</b> da imagem santificada buscada por Frei Genebro. Alterego da personagem principal do conto, Frei Egídio retirou-se a viver no ermo, numa cabana rudimentar plantando alfaces, para se aproximar de Deus pela vida simples.</p>	<p>Fraternidade</p> <p>Religiosidade</p> <p>Humildade</p> <p>Penitência</p> <p>Milagre</p> <p>Inveja</p>

			<p>distribuiu todos os bens que herdou entre os pobres e doentes e viveu isolado na oração e penitência, sendo agraciado pelo Espírito Santo com os dons especiais da cura, da sabedoria e dos milagres.</p> <p>Um dos primeiros milagres a ele atribuídos diz que, certo dia, encontrou na porta de uma igreja um mendigo muito doente e esfarrapado.</p> <p>Penalizado com a situação do pobre, Egídio cobriu-o com seu velho manto e,</p>		
--	--	--	--	--	--

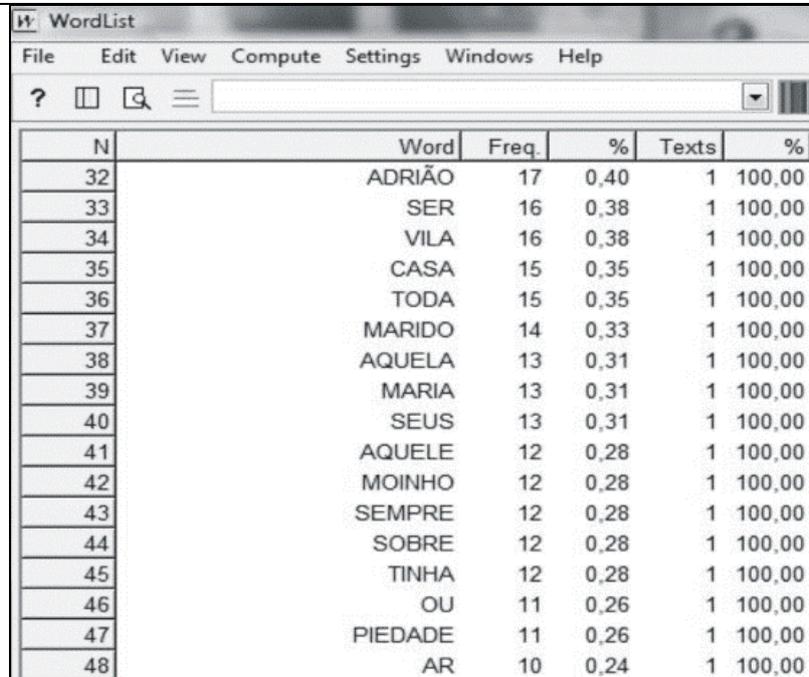
			naquele instante, um prodígio aconteceu: o homem, que até então agonizava, levantou-se completamente curado.		
--	--	--	---	--	--

Esse fragmento de análise do conto “Frei Genebro” consiste em breve demonstração do que se está realizando com contos de Eça de Queiroz, com o objetivo de produzir um vocabulário das narrativas curtas queirozianas, ao mesmo em tempo que se orienta o estudioso a penetrar nos itens léxicos e levantarem-se-lhes recortes temáticos (isotopias) possíveis para a interpretação dos contos.

Parte-se do léxico para a construção de projetos de leitura, porque, seguindo Vilela, vemos o léxico numa perspectiva cognitivo-representativa, sendo ele então “a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística” (1995, p. 13). Pretende-se, com a abordagem cognitivo-icônica, traçar rotas de orientação técnico-didática que promovam o entendimento e a distinção (por parte do usuário/estudante) do que seja *língua* e *discurso*. Quer-se que o utente seja capaz de perceber que existem valores e funções potenciais (latentes) nos signos *enquanto componentes de um sistema abstrato e disponível a todos os falantes além de indiferente às condições específicas de sua utilização – o sistema linguístico ou língua*; deseja-se que se torne evidente uma *instância atualizadora desses signos – a fala ou discurso*, que então se submete ao reduto do repertório individual e aos condicionamentos da situação comunicativa – o ato de fala. Sendo assim, a escolha lexical demanda domínio do sistema e de suas possibilidades (ainda que minimamente), tanto quanto de sensibilidade para a percepção do cenário enunciativo e de suas implicações na seleção e

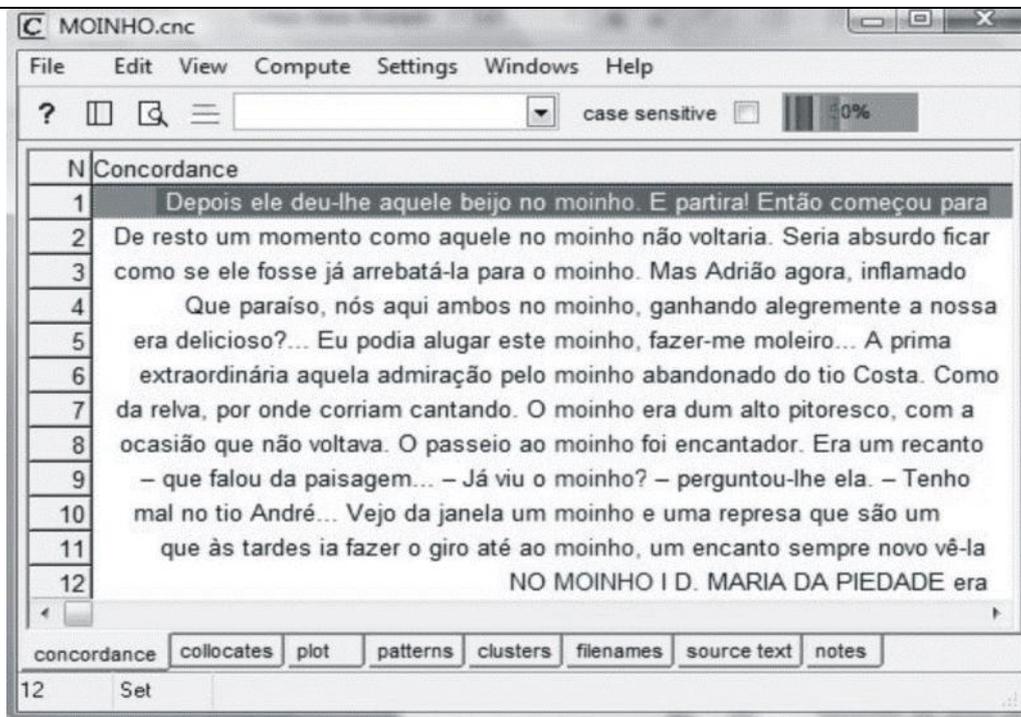
na combinação dos signos de modo a produzir uma fala objetiva e eficiente. Vejamos, a seguir, ilustrações com usos do WordSmith Tools (WSM):

AMOSTRA DO LEVANTAMENTO LEXICOGRÁFICO AUTOMATIZADO (função *Word List*)



N	Word	Freq.	%	Texts	%
32	ADRIÃO	17	0,40	1	100,00
33	SER	16	0,38	1	100,00
34	VILA	16	0,38	1	100,00
35	CASA	15	0,35	1	100,00
36	TODA	15	0,35	1	100,00
37	MARIDO	14	0,33	1	100,00
38	AQUELA	13	0,31	1	100,00
39	MARIA	13	0,31	1	100,00
40	SEUS	13	0,31	1	100,00
41	AQUELE	12	0,28	1	100,00
42	MOINHO	12	0,28	1	100,00
43	SEMPRE	12	0,28	1	100,00
44	SOBRE	12	0,28	1	100,00
45	TINHA	12	0,28	1	100,00
46	OU	11	0,26	1	100,00
47	PIEIDADE	11	0,26	1	100,00
48	AR	10	0,24	1	100,00

AMOSTRA DO LEVANTAMENTO DOS CONTEXTOS DA PALAVRA MOINHO (função *Concordance*)



MOINHO.cnc

File Edit View Compute Settings Windows Help

case sensitive  0%

N	Concordance
1	Depois ele deu-lhe aquele beijo no moinho. E partira! Então começou para
2	De resto um momento como aquele no moinho não voltaria. Seria absurdo ficar
3	como se ele fosse já arrebatá-la para o moinho. Mas Adrião agora, inflamado
4	Que paraíso, nós aqui ambos no moinho, ganhando alegremente a nossa
5	era delicioso?... Eu podia alugar este moinho, fazer-me moleiro... A prima
6	extraordinária aquela admiração pelo moinho abandonado do tio Costa. Como
7	da relva, por onde corriam cantando. O moinho era dum alto pitoresco, com a
8	ocasião que não voltava. O passeio ao moinho foi encantador. Era um recanto
9	– que falou da paisagem... – Já viu o moinho? – perguntou-lhe ela. – Tenho
10	mal no tio André... Vejo da janela um moinho e uma represa que são um
11	que às tardes ia fazer o giro até ao moinho, um encanto sempre novo vê-la
12	NO MOINHO I D. MARIA DA PIEIDADE era

concordance collocates plot patterns clusters filenames source text notes

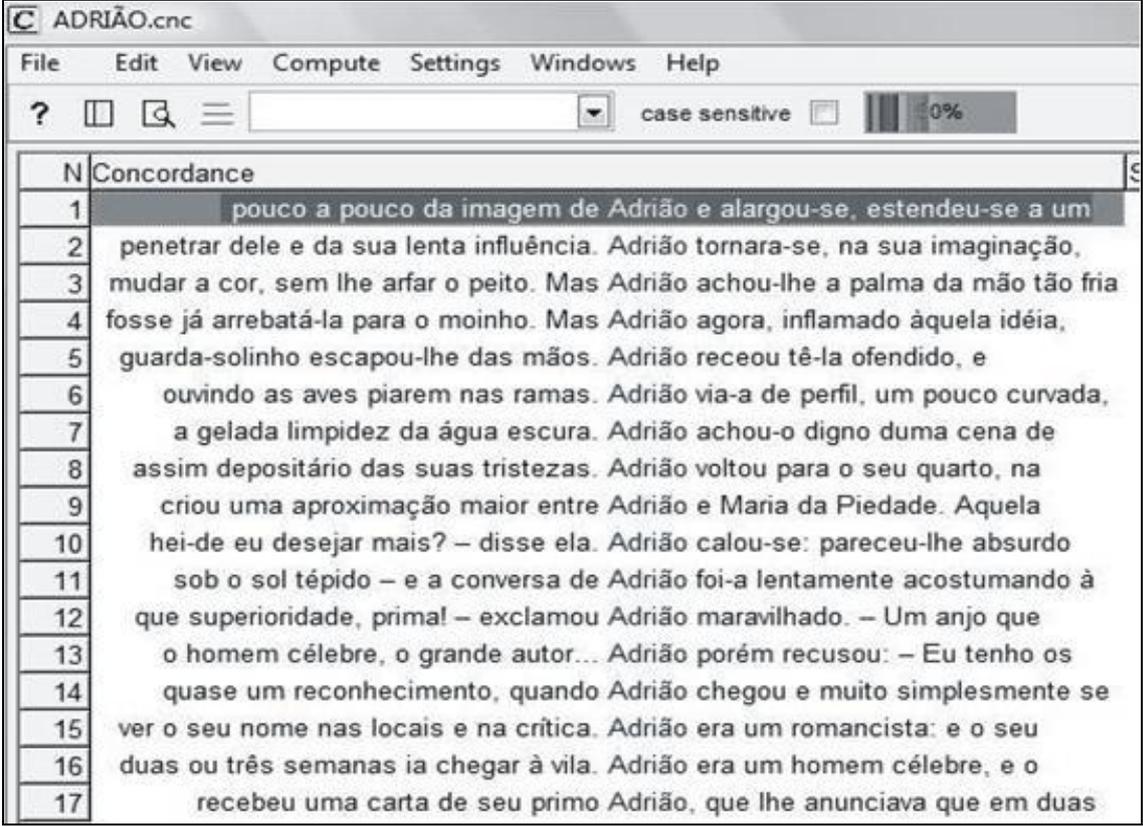
12 Set

Nos exemplos, mostra-se a contextualização do vocábulo *moinho* (que dá nome ao conto em análise “No Moinho”, de Eça de Queiroz).

A partir dessa amostra, torna-se possível, quando comparada com as outras palavras chave levantadas, a identificação do percurso temático do conto, bem como de isotopias outras para novas leituras: (a) o moinho promove uma reviravolta na vida da protagonista Maria da Piedade; (b) o moinho visto como um lugar sensual, erótico; (c) o moinho visto como um lugar mágico.

AMOSTRA DO LEVANTAMENTO DOS CONTEXTOS DA PALAVRA ADRIÃO (função

*Concordance*)



N	Concordance
1	pouco a pouco da imagem de Adrião e alargou-se, estendeu-se a um
2	penetrar dele e da sua lenta influência. Adrião tornara-se, na sua imaginação,
3	mudar a cor, sem lhe arfar o peito. Mas Adrião achou-lhe a palma da mão tão fria
4	fosse já arrebatá-la para o moinho. Mas Adrião agora, inflamado àquela idéia,
5	guarda-solinho escapou-lhe das mãos. Adrião receou tê-la ofendido, e
6	ouvindo as aves piarem nas ramas. Adrião via-a de perfil, um pouco curvada,
7	a gelada limpidez da água escura. Adrião achou-o digno duma cena de
8	assim depositário das suas tristezas. Adrião voltou para o seu quarto, na
9	criou uma aproximação maior entre Adrião e Maria da Piedade. Aquela
10	hei-de eu desejar mais? – disse ela. Adrião calou-se: pareceu-lhe absurdo
11	sob o sol tépido – e a conversa de Adrião foi-a lentamente acostumando à
12	que superioridade, prima! – exclamou Adrião maravilhado. – Um anjo que
13	o homem célebre, o grande autor... Adrião porém recusou: – Eu tenho os
14	quase um reconhecimento, quando Adrião chegou e muito simplesmente se
15	ver o seu nome nas locais e na crítica. Adrião era um romancista: e o seu
16	duas ou três semanas ia chegar à vila. Adrião era um homem célebre, e o
17	recebeu uma carta de seu primo Adrião, que lhe anunciava que em duas

A nova amostra focaliza a personagem que entra na estória e modifica a vida de Maria da Piedade. Adrião, primo do marido, escritor de sucesso, emoldurado pelo moinho, enreda Maria da Piedade nas teias da paixão, despertando-a da condição de enfermeira de uma família doente.

<b>ORDEM DE APARECIMENTO DO ITEM LEXICAL</b>	<b>ITEM LEXICAL</b>	<b>NÚMERO DE APARIÇÕES</b>
<b>N</b>	<b>WORD</b>	<b>FREQ.</b>
18	ELA	34
26	ELE	24
32	ADRIÃO	17
34	VILA	16
35	CASA	15
37	MARIDO	14
39	MARIA	13
42	MOINHO	12
47	PIE DADE	11
48	AR	10
60	FACE	8
62	JANELA	8
65	OLHOS	8
68	VIDA	8
70	ALMA	7
71	COUTINHO	7
73	DIA	7
75	HOMEM	7
90	FAZENDA	6
94	JOÃO	6
95	NOITE	6
97	PÉ	6
101	PRIMO	6

104	ÁGUA	5
105	AMOR	5
108	BRAÇOS	5
109	CAMA	5
110	COSTURA	5
112	DESEJO	5
113	EXISTÊNCIA	5
114	FILHOS	5
116	GRANDE	5
117	HORAS	5
120	MÃE	5
121	MOMENTO	5
127	RESTO	5
132	VOZ	5

Para demonstrar o uso da lista de palavras (*wordlist*), produzida pelo WSM, então filtrada apresentando apenas os substantivos, basta que se atente para os primeiros dez itens para que se verifique a prevalência da relação de Maria da Piedade com Adrião em detrimento de sua conexão com o marido (João Coutinho), com a casa e com a família. Vejamos:

1.	ELA
2.	ELE
3.	ADRIÃO
4.	VILA
5.	CASA
6.	MARIDO

7.	MARIA
8.	MOINHO
9.	PIEIDADE
10.	AR

A ordem de aparecimento dos itens léxicos destaca o par ELA/ELE, então identificados como Maria (7º lugar) e Adrião (3º lugar), relegando a casa, a família e o marido a um segundo plano. Isso nos parece demonstrar materialmente uma ordenação temática inerente ao texto, a partir da qual se torna possível inferirem-se outras isotopias (ou matrizes temáticas) para interpretação do conto.

Ilustrando a busca de isotopias emergentes, trabalhando-se apenas com as dez palavras do quadro anterior:

ORDEM	ITEM LÉXICO	SIG <sup>DO</sup> DO DICIONÁRIO ou SIMILAR	ISOTOPIAS INFERÍVEIS
1.	ELA	Pronome pessoal referente à 3ª. pessoa do singular no feminino	Índice da possível generalização temática
2.	ELE	Pronome pessoal referente à 3ª. pessoa do singular no masculino	
3.	ADRIÃO	Substantivo masculino no grau aumentativo	Ícone da dimensão atingida pela personagem no conto
4.	VILA	Substantivo feminino  1 povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a uma aldeia  2 Derivação: por metonímia.  a população da vila [Houaiss, <u>s.u.</u> ]	Ícone de um cenário que controla o comportamento dos que ali vivem ou que por ali passam.
5.	CASA	Substantivo feminino	Índice de lugar pequeno

		<p><b>3</b> conjunto dos membros de uma família</p> <p><b>4</b> conjunto dos bens de uma família ou dos negócios e assuntos domésticos [Houaiss, <u>s.u.</u>]</p>	família; lar
6.	MARIDO	<p>Substantivo masculino</p> <p>homem unido a uma mulher pelo casamento; esposo</p>	<p>Índice de proteção</p> <p>Ícone de sofrimento</p> <p>Índice de “escravidão”</p>
7.	MARIA	<p>Substantivo feminino</p> <p>Nome da mãe de Jesus, a Santa</p>	<p>Índice da abnegação</p> <p>Ícone de bondade</p>
8.	MOINHO	<p>▮ substantivo masculino</p> <p><b>1</b> engenho que se destina à moagem, esp. de cereais, composto de duas mós postas uma sobre a outra, movidas pelo vento, água ou motor</p> <p>Ex.: <i>m. de vento</i></p> <p><b>2</b> Derivação: por metonímia. construção em que se acha instalado esse engenho</p> <p><b>3</b> Derivação: por extensão de sentido. qualquer máquina que se destina à trituração de algo; moenda [Houaiss, <u>s.u.</u>]</p>	Ícone de transformação
9.	PIEIDADE	<p>▮ substantivo feminino</p> <p><b>1</b> devoção, amor pelas coisas religiosas; religiosidade</p>	<p>Índice da generosidade</p> <p>Índice de fuga de si mesmo</p> <p>Índice da compaixão</p>

		<p><b>1.1</b> Rubrica: religião.</p> <p>virtude que permite render a Deus o culto que lhe é devido</p> <p><b>2</b> compaixão pelo sofrimento alheio; comiseração, dó, misericórdia[Houaiss, <u>s.u.</u>]</p>	
10.	AR	<p>▯ substantivo masculino</p> <p><b>1</b> Rubrica: química.</p> <p>fluido gasoso que forma a atmosfera (...)</p> <p><b>5</b> Derivação: sentido figurado.</p> <p>razão, motivo que impulsiona uma ação (mais us. no pl.)</p> <p>Ex.: <i>não sabia que ares o trouxeram de volta para casa</i></p> <p><b>6</b> Derivação: sentido figurado.</p> <p>aparência, modo de ser, de apresentar-se (tb. us. no pl.) [Houaiss, <u>s.u.</u>]</p>	<p>Índice de sedução</p> <p>Índice de conduta</p>

Cortamos o quadro por pretender-se apenas dar mostras do que se tem praticado nas análises em que se combinam TI e TIV. Nas práticas didáticas, o docente deve programar sessões de trabalho linguístico em que o estudante leia e discuta enunciados construídos em diferentes instâncias comunicativas, para extrair, além dos itens léxicos e respectivos significados propostos pelos textos, as regras do sistema que interferem na produção desses significados, assim como possibilitam a criação de novos significados.

A exploração de uma análise da iconicidade lexical corresponde a uma estratégia de exame do potencial representativo dos signos tanto quando em situação dicionária quanto em situação contextual. Almeja-se com isso colaborar com a ampliação do repertório dos sujeitos

de modo a propiciar-lhes expressão e comunicação mais amplas. Ademais, o cruzamento da Teoria da Iconicidade Verbal com a Teoria dos Espaços Mentais e pressupostos da Pragmática é uma forma de enquadrar o domínio lexical em uma abordagem não mais estruturalista, senão funcional. E no âmbito dessa funcionalidade, tem-se como objetivo final da pesquisa ora em desenvolvimento (no léxico dos contos querozianos) a produção de um vocabulário dessa parte da obra do escritor português que tão bem representa o ideário lusitano do Século XIX.

Do ponto de vista de uma contribuição mais abrangente, pretende-se, com a pesquisa, aperfeiçoar a teoria da iconicidade verbal como uma forma ampla e multidisciplinar de discutir o conhecimento de mundo em relação ao conhecimento do sistema verbal. Também dessa forma, tem-se como meta discutir a produção de vocabulário e a adequada aplicação de seus elementos na produção e compreensão do discurso.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, M. S. S. *A Linguagem Regional Popular na Obra de José Lins do Rego*. JOÃO PESSOA - PB: FUNESC, 1990.

CEIA, Carlos. E-Dicionário de Termos Literários. Edição em linha. Disponível em [http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/L/linguistica\\_computacional.htm](http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/L/linguistica_computacional.htm)

CHOMSKY, Noam. *Estruturas sintáticas*. Coleção Signos. Lisboa: Edições 70, 1980.

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: University Press, 1997.

FONSECA, Irene & FONSECA, Joaquim. *Pragmática linguística e ensino do português*. Coimbra: Almedina, 1990.

MORRIS, Charles. Foundations of the Theory of Signs. In *International Encyclopedia of Unified Science*, ed. Otto Neurath, vol. 1 no. 2. Chicago: University of Chicago Press, 1938.

SALOMÃO, M. M. M. *O Processo Cognitivo de Mesclagem na Análise Linguística do Discurso*. Projeto Integrado de Pesquisa (CNPq), 1999.

SIMÕES, Darcilia. *Semiótica & ensino: uma proposta*. Alfabetização pela imagem. Edição online. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009.

VAN DIJK, Teun A. & KINTSCH, W. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.

VILELA, Mário. *Léxico e gramática*. Coimbra: Almedina, 1995